

QUINTA-FEIRA • 19 DE JANEIRO DE 2017

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31284 de 19 de Janeiro de 2017, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

ENTREVISTA

IVO FARIA

“O ESCUTISMO FAZ-NOS
PENSAR NO QUE É QUE
PODEMOS FAZER PARA
AJUDAR O OUTRO”

— P. 3-5 —

A MÃE DO JANEIRO



JORGE VILAÇA

PADRE

1. Quase todas as aldeias têm um Janeiro. O mês de Janeiro, sim, mas também uma pessoa como o “nosso” Janeiro. Explico: na minha actual aldeia vive um jovem chamado Janeiro. É a alegria em pessoa. A vida dele acontece no cirandar diário de um lado para o outro, descalço, segurando as calças com as mãos, balbuciando umas palavras, sempre sorridente. Não suporta chinelos ou sapatos que lhe acomodem os pés, mas nem por isso anda rente ao chão: saltita, cambaleia, conforme caminha. Não teme o chão que pisa. Sempre expressivo (“bom dia!”, “camisa!”, “bonito!”), usa

uma linguagem muito própria da qual se decifram algumas palavras em português, outras em macua, outras em “janeirês”. Rapidamente o Janeiro impõe a sua presença. Aliás, faz questão de ser o centro: umas vezes pelo sorriso rasgado, outras pelas palavras atabalhoadas, outras pela exuberância dos movimentos. Conhecido de toda a gente, estimado por uns, achincalhado por outros... é o Janeiro da aldeia.

2. O Janeiro tem, desde nascença, uma deficiência mental. Atenção: tem, digo eu, uma deficiência. Não é um “tolinho”, mesmo que às vezes – infelizmente – o provoquem a fazer essa figura e ele a vista perfeitamente para alegria da população. O Janeiro, ao seu ritmo, entende as coisas, distingue o bem e o mal, sente, aprende... Sabe distinguir no nosso rosto quando estamos a chamar a atenção para não fazer de “tolinho”; sabe vir de “mansinho” como quem pede perdão depois da asneira; sabe dobrar uma toalha com perfeição; sabe quais são as meninas mais bonitas... É fácil ser-se conquistado pelo Janeiro. É ainda mais fácil desprezar-se o Janeiro. Aqui na minha aldeia. Talvez só aqui...



3. Quem é a família do Janeiro? Três irmãos, mais novos, todos com diversas deficiências graves congénitas e a mãe, magra e envelhecida pela dureza da vida. O pai, faleceu. Onde mora esta família: numa casa de barro, coberta de palha. O que comem? Diz a mãe do Janeiro: “Comemos matranca – farinha de mandioca – uma vez por

dia. Às vezes arranjo ervilhas na minha machamba – horta”. O que vestem? Deixo à imaginação... Higiene? Imaginem... Onde dormem? Imaginem... Escola? Imaginem... Os rendimentos desta família? Uma horta de mandioca e ervilha.

4. A mãe do Janeiro não é somente o inexistente prémio nobel da gestão familiar. Ela não existe. Para ninguém. Ou melhor, existe para os seus filhos. Só para eles. Estes dias veio “namorar” uma porta velha e partida que temos no quintal (a casa dela ainda não tem porta de entrada). Senti-me envergonhado. Quando há tempos estivemos a tentar conversar, não me pediu rigorosamente nada. Perguntou-me só: “se os meus filhos morrerem, vão ter funeral cristão?”.

5. Estamos em Janeiro, mais ou menos em todo o mundo. E há tantos Janeiros e mães do Janeiro. Mas só em Dezembro voltaremos a lembrar-nos deles. O Janeiro é bonito em Dezembro. Portanto, temos onze meses para nos preocuparmos com “coisas”.

Ó mãe do Janeiro, não ouse guardar o teu nome. Perdoa-me, mas não poderia dormir descansado. Nunca.

É POSSÍVEL "CELEBRAR" A REFORMA?

PABLO LIMA

PADRE

O oitavário pela unidade dos cristãos ocorre este ano num contexto muito peculiar: o quinto centenário do movimento protestante, cujo momento simbólico de partida é a publicação (hoje questiona-se a veracidade da afixação nas portas da igreja do Castelo de Wittemberg) das 95 teses de Lutero em 31 de Outubro de 1517.

A efeméride é incontornável, mesmo se os sentimentos não forem iguais de parte a parte. Enquanto as Igrejas evangélicas (poucas adoptam o termo “luteranas”) celebram o acontecimento e convidam as outras confissões cristãs a unir-se a elas, algumas vozes católicas, como a do cardeal G. Müller afirmam que os católicos não têm “nenhum motivo para celebrar”. O cardeal K. Koch afirmou, de modo ainda mais chocante, que “os católicos não podem celebrar um pecado”. No entanto, na declaração conjunta assinada na Suécia em Outubro de 2016 pelo Papa Francisco e o Presidente da Federação Luterana

Mundial, juntamente com o lamento e a confissão da ferida infligida por luteranos e católicos à unidade visível da Igreja, afirma-se que existe uma profunda gratidão “pelos dons espirituais e teológicos recebidos através da Reforma”.

Objectivamente, o movimento de Lutero e a reacção da Igreja da época provocaram a divisão do cristianismo ocidental. Na Europa surgiram as igrejas “confessionais”, isto é, comunidades eclesiais que se auto-definem a partir de um *corpus* doutrinal específico porque



as Escrituras e o Credo de 381 d.C. já não são suficientes e a estrutura formal hierárquica já não é comum. Até a Igreja Católica, com a sua eclesiologia de Igreja universal, enveredou na lógica de uma igreja “confessional” com a publicação do Catecismo Romano ou pós-tridentino, e, na opinião do cardeal W. Kasper, só não se converteu em mais uma igreja central-europeia e ibérica por causa das missões em África e na Ásia.

Por outro lado, a acção pastoral de Lutero recordou que a fé da Igreja vive da Palavra revelada condensada nas Escrituras. Certamente as comunidades protestantes perderam a riqueza do património sacramental e a Igreja Católica demorou ainda séculos a colocar a Bíblia no centro da sua espiritualidade, da sua oração e da sua teologia. É verdade que a Contra-Reforma foi, ao seu jeito, um movimento da Palavra, de pregação, de formação. Mas também é certo que, ainda hoje, a Bíblia não é o livro central na catequese católica, que a maioria dos crentes católicos nem sequer ocasionalmente abre a Bíblia e outros ainda não a usam como livro de oração quotidiana.

A este ponto da estrada, podemos e devemos certamente reflectir quantas

reivindicações de Lutero permanecem actuais passados quinhentos anos. Hoje, a historiografia e a teologia, tanto católicas como protestantes, aproximam-se de um olhar mais sereno, menos preconceituoso ou idolátrico, da figura do reformador alemão. Vários documentos da Comissão mista Católico-Luterana, até ao mais recente “Do conflito à comunhão”, não hesitam em chamá-lo “testemunha do Evangelho”. Curiosamente, as principais bandeiras de Lutero como a prioridade da Palavra, a luta contra o culto do dinheiro e o abuso do poder, a gratuidade da salvação oferecida em Jesus Cristo (a misericórdia e a graça divinas) são também as grandes causas do pontificado de Francisco.

Por isso, se não estamos de acordo nas cores a vestir, de luto ou de festa, não podemos passar ao lado de uma realidade que marca hoje o rosto do cristianismo no mundo. Uma atitude de honestidade intelectual exige uma releitura dos textos e das questões que Lutero colocou para ver quantas delas foram assumidas e justamente respondidas e quantas foram ignoradas e ainda hoje mantêm certos sectores ou dimensões da vida cristã num “cativeiro babilónico”.

“O ESCUTISMO FAZ-NOS PENSAR NO QUE É QUE PODEMOS FAZER PARA AJUDAR O OUTRO”



FILIPA CORREIA
TEXTO



FLÁVIA BARBOSA
FOTOGRAFIAS

vo Faria é o novo chefe nacional do Corpo Nacional de Escutas (CNE). Entrou para os escuteiros com seis anos, em Calendário, V. N. Famalicão. Foi lobito, explorador, pioneiro, caminheiro e dirigente. Pelo caminho somaram-se as amizades, as peripécias, ficaram os valores de um percurso marcado por uma forte espiritualidade. Lamenta o facto de “a juventude estar afastada da Igreja” e quer combater esse afastamento. Ele e os que trabalham consigo, já que a sua “principal atribuição”, confessa, é “tentar criar as melhores condições possíveis para que a equipa possa operar bem”.

COM QUE IDADE ENTROU PARA OS ESCUTEIROS?

Comecei aos seis, em 1979, e fui lobito. Fui escuteiro sempre no mesmo agrupamento, em Calendário. Percorri as secções todas, estive nos exploradores, nos pioneiros, nos caminheiros, e depois fiz-me dirigente.

NA ALTURA, O QUE É QUE O MOTIVOU A IR? FOI OPÇÃO SUA OU DOS SEUS PAIS?

Foi dos pais. Quando entramos tão cedo, normalmente são os pais que nos colocam lá, e eu naquela altura tinha lá os meus primos e os tios. A minha mãe também foi escuteira naquele agrupamento, portanto há sempre

uma ligação familiar. Para além disso, eu naquela altura andava numa escola que não era daquela zona, era mesmo em Famalicão, portanto depreendo que também fosse uma forma de os meus pais me procurarem ligar mais aos miúdos que eram meus vizinhos, com os quais eu na escola não convivia.

QUE MAIS-VALIAS LHE TROUXE TER SIDO ESCUTEIRO AO LONGO DE TODOS ESSES ANOS? EM QUE MEDIDA É QUE CONTRIBUIU PARA A SUA FORMAÇÃO?

Foi bastante importante porque eu acho que o método escutista, a forma como nós trabalhamos com os miúdos e a forma como os incentivamos a trabalhar, permite trabalhar os conceitos de autonomia, de sermos capazes de nos responsabilizarmos por tarefas, de percebermos desde pequenos que se nós não conseguirmos realizar a tarefa com a qual nos comprometemos, a patrulha, o grupinho com o qual nós trabalhamos vai ter de certeza algumas dificuldades. Seja porque eu tinha que levar a comida e esqueci-me, ou porque tinha que ver se havia gás para podermos cozinhar e não fiz isso, ou porque tinha que conferir se a tenda tinha as peças todas e não conferi, ou tinha que ver os horários dos transportes e não vi. Este tipo de tarefas são feitas por eles. Quando somos miúdos nos escuteiros, dividimos estas tarefas, obviamente com a supervisão do adulto, mas normalmente o adulto está preparado para nos deixar cometer os nossos erros, desde que isso não ponha em causa a nossa segurança e a nossa integridade. Nós vamos aprendendo com as

coisas que não correm assim tão bem: por exemplo, chegamos ao local do acampamento e afinal vamos ter que comer bolachas porque alguma coisa falhou e o arroz já não se pode cozinhar. Isto ajuda-nos a perceber desde cedo, e à escala da nossa idade e do nosso crescimento enquanto pessoas, que o sucesso do trabalho de um grupo depende de cada um de nós, não depende só do grupo. Ou seja, se o grupo for muito grande, podemos sempre assumir que se alguém não fizer o outro ao lado faz. Mas nós trabalhamos em grupos de cinco, seis ou sete pessoas, porque embora os escuteiros sejam grupos de 80, de 100, o escutismo faz-se em células pequeninas, onde é muito mais difícil nós conseguirmos deixar passar o nosso trabalho e não percebermos depressa que isso tem um impacto. Das coisas mais interessantes que o escutismo oferece, e me ofereceu quando eu era muito jovem, é este sentimento de que “aquilo que eu faço é importante”. Também ganhamos muito depressa um sentimento, que nos é inculcado desde jovens, de olharmos para o outro que está ao nosso lado e percebermos o que podemos fazer para ajudar. As pessoas olham para os escuteiros e pensam sempre no “ajudar a senhora a atravessar a rua”, na boa acção, e é verdade! Quer dizer, nós não temos nenhum treino especial para os miúdos ajudarem pessoas a atravessar a rua (*risos*), mas temos um treino especial a estarmos atentos às necessidades dos outros, a vermos onde é que nós podemos ser úteis, onde é que podemos ajudar. Eu acho que é muito importante nos dias de hoje não estarmos apenas virados para o “eu”, mas pensarmos sempre no “tu”, no que é que podemos

fazer para ajudar o outro. O escutismo ajuda-nos muito nisso.

O QUE É QUE RECORDA COM MAIS SAUDADE DOS TEMPOS DE ESCUTEIRO?

Tenho muitas recordações... É difícil escolher, mas se eu não pensasse muito, sem dúvida nenhuma que me viria logo à cabeça o primeiro acampamento que fiz, que recordo muito bem. Éramos muito miúdos. Lembro-me de como é que foi possível cabermos todos dentro da mesma tenda — e coubemos! — e como é que não dormimos, a magia da primeira vez que dormimos fora de casa, sem os pais e por nossa vontade. Foi a primeira vez que cozinhamos uma refeição e montámos a casa, lembro-me muito bem disso. E depois tenho memórias muito boas do tempo em que fui crescendo e fui explorador, pioneiro, e tenho as memórias mais vivas do último percurso, que foi quando fui caminheiro, que se calhar é aquele que mais nos vai marcando porque é quando nós entramos na idade adulta — os caminheiros são a secção que trabalha a partir dos 18 anos. É nessa fase que se calhar construímos mais aquilo que somos hoje, no sentido de ser ali que nós alicerçamos e cimentamos o que somos, os amigos que temos, talvez até relações amorosas que vão dar origem à nossa família. É aí que tudo isto começa a ganhar mais forma, por isso a intensidade com que nós vivemos essa idade (dos 18 aos 22) nos escuteiros normalmente marca-nos muito.

HOJE AINDA TEM AMIGOS DESSA FASE?

Tenho, tenho muitos. Recordo-me muito bem das actividades que fazíamos no meu tempo de caminheiro. Nós tivemos um chefe à frente do tempo dele, porque ele usava, se calhar até inconscientemente, e abusava, do conceito de ausência pedagógica, isto é, fazia um esforço para que nos tornássemos cada

vez mais autónomos, sem que nos apercebêssemos disso. Ausentava-se, não nos desacompanhando, obviamente, mas deixava-nos fazer as coisas sem estar as horas todas connosco. Isso faz com que, por um lado haja um sentimento de liberdade diferente, por outro, e num grupo de quatro ou cinco pessoas, se crie aquela cumplicidade fruto das coisas que não correm bem e que não vamos contar ao chefe — e depois apercebemo-nos que ele sabe na mesma (*risos*). Mas criam-se cumplicidades entre nós que dificilmente esquecemos. (...) O escutismo ajuda-nos a construir amizades que ficam para a vida.

AGORA, ENQUANTO CHEFE NACIONAL DO CNE, QUE TAREFAS VAI TER ENTRE MÃOS?

O chefe nacional é a pessoa que menos trabalha na equipa nacional. (*risos*) Estou a brincar, mas também não estou. Acho que a principal atribuição que eu tenho é tentar criar as melhores condições possíveis para que a minha equipa possa operar bem. Isto significa trabalharmos todos como uma equipa, sermos capazes de partilhar os desafios, as dificuldades que temos, e eu ser capaz de estar muito disponível para poder ajudar cada um deles naquilo que eu souber. (...) Ou seja, criar as condições para que eles possam trabalhar bem. Obviamente que nós estamos a construir uma equipa tendo também em atenção que cada um de nós tem as suas áreas de trabalho independentemente da função que desempenhar. Eu vou ter a área da comunicação comigo e vou ter a área da disciplina e jurídica, digamos assim. Para além disso, vou dividir com o chefe nacional adjunto a parte da representação externa. Na área da comunicação, já comecei a tentar construir e reconstituir a equipa que existe. Esta área é, por sua vez, uma das seis áreas que nós tínhamos definido como as áreas essenciais do nosso trabalho e, sendo transversais, vamos ter que interligá-las entre as diferentes secretarias nacionais.

Vou ter também especial atenção ao trabalho que queremos fazer com as regiões, porque queremos que o nosso trabalho vá cada vez mais ao encontro das dificuldades que se vivem localmente, e nós não conseguimos chegar aos 1031 agrupamentos que temos. Precisamos que as regiões, que estão mais perto dos agrupamentos, nos digam, nos façam sentir quais são os desafios, as dificuldades e o que é que eles acham que nós podemos fazer. Há regiões que, embora geograficamente dispersas umas das outras, vivem desafios comuns, e algumas conseguiram soluções que podem ser úteis para outras. É um trabalho importante tentar pôr as regiões a conversar mais umas com as outras.

REFERIU, NUMA ENTREVISTA, QUE PRETENDEM COMBATER O AFASTAMENTO DA IGREJA POR PARTE DOS MEMBROS DO CNE. A QUE É QUE SE DEVE ESSE AFASTAMENTO?

Quando disse isso não estava a querer dizer que o afastamento da Igreja é um afastamento específico dos nossos jovens. Os nosso jovens são jovens que estão na nossa sociedade, e era mais isso a que eu me estava a referir. Sinto que a juventude se vai afastando da Igreja e nós não somos alheios a isso. Nós somos um movimento da Igreja e somos um movimento que consideramos de evangelização e de fronteira, e quando dizemos que somos um movimento de fronteira é porque achamos que conseguimos chegar a pontos da sociedade, a pontos da nossa Igreja, onde a hierarquia da Igreja tem mais dificuldade em chegar. (...) Nas actividades que fazemos, se sairmos das nossas sedes, vamos conviver com jovens e com crianças que não são escuteiros, e que nos vêem, e se calhar conseguimos ter uma tensão de atracção de jovens diferente. O contacto que nós fazemos ajuda, na nossa perspectiva, a que o jovem e a criança descubram o transcendente, consigam viver um contacto com Deus diferente daquele a que nós

As acções que a nova equipa nacional pretende desenvolver, para cada um dos seis pilares que definiu, são, resumidamente:

Comunicação

Redefinir a estratégia de comunicação e investir em diferentes plataformas, tendo em consideração as novas tecnologias. Construir uma aplicação que permita comunicar com os escuteiros. Repensar o tema da revista “Flor de Lis”. Ajudar a melhorar a comunicação a nível local, nos agrupamentos e núcleos, dotando-os de meios e práticas adequados.

Representação e relações externas

No que diz respeito ao contacto com outras instituições, nomeadamente

aquelas com que o CNE se relaciona, a equipa nacional ambiciona uma representação mais efectiva, que conte com a participação crescente dos próprios jovens. Para isso, tem em vista a formação dos jovens por forma a torná-los mais capazes enquanto porta-vozes e representantes da associação.

Programa educativo

Aperfeiçoar alguns elementos do programa educativo, como por exemplo o sistema de progressão, que está relacionado com a forma como os dirigentes ajudam os jovens a medir o seu crescimento/ desenvolvimento. A nova equipa nacional gostaria ainda de reforçar aqueles que considera os “pilares do trabalho”: o

“aprender fazendo”, o “sistema de patrulhas” e a “vida ao ar livre”.

Formação/capacitação de adultos

De momento, o sistema de formação dos candidatos a dirigentes encontra-se em processo de renovação. A equipa irá também redesenhar os momentos e o modo como a restante formação é dada, por forma a “criar as melhores condições possíveis para que o adulto voluntário faça um bom trabalho”. A par dessa adaptação, irá desenvolver ferramentas de formação contínua.

Envolvimento

O envolvimento diz respeito não só aos jovens, mas também às regiões, núcleos e agrupamentos. Para isso, a equipa nacional

pretende que as propostas apresentadas aos conselhos nacionais nasçam na base do escutismo, ou seja, nos agrupamentos. Deseja, assim, construir um programa a partir das necessidades detectadas por quem está no terreno.

Simplificação e modernização de processos

Tornar os serviços mais eficazes e criar ferramentas que simplifiquem o trabalho dos dirigentes que acompanham os escuteiros. Ivo Faria considera que há uma “carga administrativa importante” para os dirigentes, que passa pelo preenchimento de ficheiros, de dados de saúde, de dados do efectivo, dos seguros, dados relativos às finanças, a questões relacionadas com a formação, entre outros.

estamos habituados a assumir que temos pelo facto de frequentarmos uma igreja de pedra e cimento. Eu costumo dizer que no escutismo é muito importante um sentido que nós tentamos trabalhar que é de alguma maneira “desempacotar” a fé. Isso é algo que temos que fazer e sinto que há caminho a percorrer aí. Nós estamos habituados a que a fé seja algo que nos toca quando temos uma dificuldade ou quando sentimos que chegou um determinado momento. Não pondo de parte os momentos concretos de oração e a eucaristia — como é óbvio temos que o fazer, porque também queremos viver em comunidade e queremos celebrar em conjunto — nós temos que ser capazes de encontrar Deus em tudo o que fazemos, temos que ser capazes de encontrar Cristo nos outros. Quando vamos ao Seu encontro, quando tentamos ajudar, quando estamos na natureza e a tentamos melhorar, temos que transmitir aos nossos jovens que Deus, Cristo, também está ali. Não é porque daqui a um bocadinho vamos comer, e por isso rezamos agora, que nas próximas três horas já não existe a parte espiritual. É neste sentido mais “desempacotado” da fé que eu acho que nós conseguimos fazer com que o jovem ganhe consciência que a dimensão espiritual nos toca em tudo o que nós fazemos. Da mesma forma que nós respiramos e não nos damos conta que estamos a respirar, a parte espiritual é a mesma coisa. Quando eu faço o contacto com outros, quando eu trabalho, quando eu tento ser melhor naquilo que estou a fazer, estou a caminhar numa direcção em termos espirituais, estou a ir ao encontro, previsivelmente, de uma meta que é Cristo.

E é isto que nós queremos que eles trabalhem e que ao longo

do tempo ganhem essa consciência. É neste sentido que nós achamos que o escutismo pode ser uma ferramenta importante naquilo que tem que ver com evangelização e com a Igreja Católica, em que podemos dar o nosso contributo, ajudar o jovem a encontrar um rumo, a encontrar um caminho, e que esse caminho vá ao encontro daquilo que pastoralmente trabalhamos.

DE QUE FORMA PENSAM COMBATER ESSE AFASTAMENTO? ATÉ PORQUE TÊM COMO OBJECTIVO CHEGAR AOS 100 MIL MEMBROS EM 2023...

Quando formulámos esse objectivo, fizemo-lo mais no sentido de ser uma ambição do que um objectivo concreto. Quando nós colocamos uma ambição em cima da mesa, toda a gente fica mais impressionada com uma ambição que seja um número, que seja mensurável, e no escutismo mundial há uma ambição similar a esta. Foi daqui que isto apareceu — nós somos mais ou menos 40 milhões de escuteiros no mundo inteiro, e há uma estratégia que foi definida para o ano 2023 que se corporizou

em termos de mensagem com “em 2023 queremos ser 100 milhões”. Ora, nós em 2023 celebramos 100 anos, portanto achamos que sendo nós 74 mil e tendo mil e poucos agrupamentos, cada um com quatro secções — os lobitos, os exploradores, os pioneiros e os caminheiros —, se em cada agrupamento todos os anos aumentarmos um miúdo em cada secção, que são quatro, vezes mil dá 4 mil, e em seis anos chegamos aos 100. Foi só isto, tão simples quanto isto (*risos*). Portanto, achámos que não seria um número assim tão disparatado se pensarmos nisto na prática. Obviamente que depois há agrupamentos que crescem, há outros que não crescem, e se num ano perderem três miúdos, no ano a seguir terão que crescer sete, e já não é assim tão fácil. O objectivo, em si, não é um número, não é o número que nos move. Claro que quantos mais formos e se assumirmos que estamos a fazer um bom trabalho, significa que estamos a fazer um bom trabalho com cada vez mais jovens, e isto ajuda também a trabalhar o tema da espiritualidade e a aproximar os jovens da Igreja. Nós formulámos uma ambição mais preocupados em pensar nas condições que temos que criar a nível da formação dos nossos adultos, da aplicação do nosso método, de condições materiais — termos boas sedes, bom equipamento —, de criarmos uma comunicação que funcione. Portanto, os nossos objectivos passam pelos seis pilares nos quais assenta a nossa acção. Nós sentimos que, se isso for um sucesso, teremos as condições para sermos 100 mil. Se vamos ser 100 mil ou não... Eu costumo dizer que tenho quase a certeza que, ou vamos ser mais, ou vamos ser menos, agora exactamente 100 mil se calhar vai

ser difícil, mas nós não vamos avaliar o sucesso ou insucesso do nosso trabalho pelo facto de sermos, ou não, 100 mil. Vamos sim avaliá-lo se os tais pilares, as tais acções que achamos que temos que desenvolver e que nos ajudariam a ter essas condições, forem atingidos. Portanto, o objectivo do crescimento não é um objectivo cego, é um objectivo que tem em vista a criação de condições para que o crescimento se possa fazer sem perdermos qualidade naquilo que oferecemos hoje. (...) No fundo, se nós fizermos um trabalho bem feito vamos conseguir com que os jovens se aproximem da Igreja, de Cristo, e possam cada vez mais ser jovens comprometidos e trazer outros consigo. E isto vai-se alimentando.

É SÓCIO DE UMA MULTINACIONAL, É CASADO, TEM UM FILHO... É POSSÍVEL CONCILIAR O ESCUTISMO E ESTAS NOVAS FUNÇÕES COM A VIDA FAMILIAR E PROFISSIONAL?

É, é possível conciliar com bastante sacrifício familiar. No outro dia lia um artigo de um desses gurus mundiais que nos dizia que o nosso desenvolvimento profissional, o nosso crescimento, a nossa progressão, a nossa carreira, contrariamente àquilo que pensamos, não vai estar tão dependente quanto isso da dedicação que pomos no trabalho das 9h às 18h, ou das 9h às 19h, ou das 9h às 20h. Apesar de sem ele não conseguirmos progredir, o sucesso da nossa carreira está naquilo que fazemos das 18h até à meia noite. Porque é no contacto com outras realidades, no nosso voluntariado, naquilo que fazemos na nossa casa com a nossa família, que se constroem relações, se constroem contactos que depois nos são úteis na nossa progressão. Esta conciliação é uma conciliação sempre complicada, sempre a correr, mas uma correria que nos deixa felizes. E se quando chegamos à Sexta-feira em vez de irmos descansar e gozar o nosso fim--de-semana começarmos com actividade escutista, que acaba no Domingo de manhã, só temos a tarde para encostar um bocadinho no sofá e estar com a família. Na Segunda-feira já temos outra vez o trabalho. Cansa mas dá-nos um sentimento de conforto e de felicidade muito interessante.



“COMEÇOU A ENSINÁ-LOS DIZENDO: 'BEM-AVENTURADOS...'”

IV DOMINGO COMUM A



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

ITINERÁRIO

ATITUDE MARIANA
Louvor.

CONCRETIZAÇÃO: A proximidade do Reino continua a afirmar-se na Pessoa de Jesus Cristo. Como forma de expressar a nossa abertura, continuamos com o Círio Pascal junto do cartaz do Ano Pastoral. Do Círio poderão sair 8 fitas coloridas ao encontro de 8 velas mais pequenas (colocadas aos pés do Círio, representando as 8 bem-aventuranças) e que poderão ser acesas por crianças na celebração. Cada vela poderá conter a palavra-chave de cada bem-aventurança.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Subirei alegre*, M. Carneiro (IC p. 490)
- **APRES.DONS:** Em silêncio
- **COMUNHÃO:** *Jesus é o amigo*, H. Faria (IC p. 395)
- **PÓS-COMUNHÃO:** Em silêncio...
- **FINAL:** *Ao Deus do Universo*, J. Santos (IC p. 330)

EUCOLOGIA

Orações do Domingo IV do Tempo Comum (*Missal Romano*, p. 398)
 Prefácio dos Domingos do Tempo Comum IV (*Missal Romano*, p. 479)
 Oração Eucarística III (*Missal Romano*, p. 529)
 Bênção solene para o Tempo Comum V (*Missal Romano*, p. 562)

VIVER A ALEGRIA

As Bem-aventuranças são um desafio/provação e uma promessa. Em que penso eu ao ouvir as Bem-aventuranças? Assumamos o desafio de ler uma ou duas Bem-aventuranças no início de cada dia (Mt 5, 1-12a) e tentemos vivê-las ao longo da jornada.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I SOF 2, 3; 3, 12-13

Leitura da Profecia de Sofonias

Procurai o Senhor, vós todos os humildes da terra, que obedeceis aos seus mandamentos. Procurai a justiça, procurai a humildade; talvez encontreis protecção no dia da ira do Senhor. Só deixarei ficar no meio de ti um povo pobre e humilde, que buscará refúgio no nome do Senhor. O resto de Israel não voltará a cometer injustiças, não tornará a dizer mentiras, nem mais se encontrará na sua boca uma língua enganadora. Por isso, terão pastagem e repouso, sem ninguém que os perturbe.

SALMO RESPONSORIAL SALMO 145 (146)

Refrão: Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus.

LEITURA II 1 COR 1, 26-31

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: Vede quem sois vós, os que Deus chamou: não há muitos sábios, naturalmente falando, nem muitos influentes, nem muitos bem-nascidos. Mas Deus escolheu o que é louco aos olhos do mundo para confundir os sábios; escolheu o que é fraco, para confundir o forte; escolheu o que é vil e desprezível, o que nada vale aos olhos do mundo, para reduzir a nada aquilo que vale, a fim de que nenhuma criatura se possa gloriar diante de Deus. É por Ele que vós estais em Cristo Jesus, o qual Se tornou para nós sabedoria de Deus, justiça, santidade e redenção. Deste modo, conforme está escrito, “quem se gloria deve gloriar-se no Senhor”.

EVANGELHO MT 5, 1-12A

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, ao ver as multidões, Jesus subiu ao monte e sentou-Se. Rodearam-n’O os discípulos e Ele começou a ensiná-los, dizendo: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus. Bem-aventurados os humildes, porque possuirão a terra. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos Céus. Bem-aventurados sereis, quando, por minha causa, vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós. Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa”.



REFLEXÃO

As propostas bíblicas do Quarto Domingo (Ano A) atestam o paradoxo da felicidade evangélica ou, por outras palavras, do inesperado do Reino, da surpresa de Deus: os ensinamentos de Jesus Cristo à multidão (evangelho); o convite endereçado pelo profeta Sofonias (primeira leitura); a preferência divina pelos fracos (segunda leitura). Deus ama os pequenos, os pobres, os humildes, os simples. Para ser bem-aventurado (salmo), para encontrar a verdadeira felicidade, é preciso seguir por essa mesma via: ser pobre em espírito, tornar-se humilde e puro de coração, ter fome de justiça e de misericórdia, ser artífice da paz, suportar o insulto, aceitar a perseguição.

“Começou a ensiná-los, dizendo: «Bem-aventurados»”

Mateus dá muita importância às palavras de Jesus Cristo. Não é ao acaso que se pode apresentar a estrutura do evangelho em cinco grandes “discursos” ou “sermões”: o da Montanha é o primeiro, e também o mais importante.

As Bem-aventuranças são um dos textos mais sublimes do evangelho e de toda a literatura espiritual. No Domingo passado, recebemos o anúncio da proximidade do Reino dos Céus: o centro da mensagem. Agora, são elencados os membros do Reino, quem está no caminho da comunhão com Deus: “começou a ensiná-los, dizendo: «Bem-aventurados»”.

A primeira surpresa é o contraste entre o critério apresentado e o que, normalmente, é procurado pela humanidade. A vida do Reino é para os simples, os humildes, os puros de coração, os pacíficos, os misericordiosos, os que sofrem, os que são perseguidos por causa da fé. Jesus Cristo traz ao coração humano uma maneira nova de entender a vida. A maioria procura a satisfação das próprias necessidades, a realização imediata dos desejos. Ao contrário, o Mestre proclama uma vida de amor puro e generoso, de simplicidade e de paz.

“Bem-aventurados”. Jesus Cristo traz ao mundo uma nova felicidade interior: a felicidade de quem encontra o sentido da vida (mesmo com sofrimento) na comunhão com Deus e no serviço misericordioso aos outros. Ele revela que este estilo de vida, bem-aventurada no mistério da experiência de Deus, tem em si mesmo uma semente que conduz o ser humano à plenitude da felicidade, à plena comunhão com Deus, eternamente. As Bem-aventuranças são uma “autobiografia” de Jesus Cristo.

Louvor pelas bem-aventuranças

“Um antigo eremita afirma: «As Bem-Aventuranças são uma dádiva de Deus, e temos o dever de lhe render grandes graças por elas e pelas recompensas que delas derivam, ou seja, o Reino dos Céus no século vindouro, a consolação aqui, a plenitude de todo o bem e a misericórdia da parte de Deus (...) uma vez que nos tivermos tornado imagem de Cristo na terra» (Pedro de Damasco). O Evangelho das Bem-Aventuranças comenta-se com a própria história da Igreja, a história da santidade cristã (...). Invoquemos a Virgem Maria, a Bem-Aventurada por excelência, pedindo a força para procurar o Senhor e para O seguir sempre com alegria, no caminho das Bem-Aventuranças” (Bento XVI, *Angelus*, 30 de Janeiro de 2011).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

Introdução à Liturgia da Palavra

A busca da felicidade norteia a nossa peregrinação, o nosso caminhar na vida. Como ser feliz hoje e para sempre? O segredo da felicidade é revelado por Jesus: “A felicidade está mais em dar do que em receber” (Act 20, 35). Bem-aventurado não é quem acumula para si, mas quem, partilhando, se faz pobre para socorrer quem tem necessidade, desde logo de amor, de atenção. Esta é a chave de interpretação da leitura do Profeta Sofonias e da magna carta do cristão, no Evangelho.

Cuidados na proclamação da Palavra

- 1.ª Leitura:** Proclamar com segurança e com alegria, num tom interpelativo.
- 2.ª Leitura:** Continuamos a escutar a Primeira Carta aos Coríntios. Ter presente que se trata de uma leitura a fazer num tom coloquial, dando destaque à última frase, lendo-a, pausadamente, mas com convicção.
- Evangelho:** Proclamação num tom sereno. Está presente uma gradação crescente que poderá ser expressa na tonalidade de voz.

Dinâmica do Tempo Comum

Canto da Aclamação ao Evangelho, se possível, de forma mais solene (que poderia ser repetida no final da proclamação do mesmo); No fim da proclamação do Evangelho, enquanto se canta a aclamação, poder-se-á acender 8 velas mais pequenas (colocadas junto do Círio, representando as 8 bem-aventuranças); Momento de louvor – Momento pós comunhão: *Magnificat* cantado com o refrão apenas no início e no fim.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos: num só coração e numa só alma, peçamos ao Senhor o espírito das Bem-aventuranças para todas as pessoas de boa vontade, cantando com alegria: Ouvi-nos, Senhor.

R. Deus Pai, ilumina a terra inteira.

- 1.** Para que o nosso Arcebispo Jorge e seus bispos auxiliares, os presbíteros e os diáconos vivam com alegria a mensagem libertadora das Bem-aventuranças e ensinem aos cristãos o caminho da vida, oremos.
- 2.** Para que os responsáveis pelo governo das nações se inspirem nos valores do Evangelho e defendam os direitos dos mais pobres, oremos.
- 3.** Para que os refugiados, que anseiam pela igualdade e estão prontos a sofrer por ela, vejam realizadas as esperanças que os animam, oremos.
- 4.** Para que todos os discípulos de Cristo se ponham ao lado dos que são perseguidos, por defenderem os valores do Evangelho, nomeadamente as vítimas de guerras e atentados, oremos.
- 5.** Para que aprendamos em comunidade a viver em atitude de acção de graças e de louvor, tendo a consciência de que a alegria é característica da nossa identidade cristã, oremos.

Senhor, fonte de alegria, escutai as orações da vossa Igreja e fazei-nos acolher o que nada vale aos olhos do mundo, para permanecermos fiéis ao espírito das Bem-aventuranças. Por Cristo Senhor nosso.





"QUEM SOU EU?": O CAB AJUDA A RESPONDER

O Centro Académico de Braga organiza, no dia 19 de Janeiro, Quinta-feira, às 21h15, um serão com o tema "Quem sou eu? Introdução ao eneagrama". A sessão tem como objectivo pensar sobre cada um e sobre a vida. A iniciativa tenta responder a questões como: "Tenho tanto medo de magoar os outros que sou incapaz de dizer que não", "Quero tanto ser o melhor mas não me sinto capaz de fazer amigos no meu trabalho" e "Sou tão intolerante

com as minhas falhas e com as falhas dos outros". O eneagrama é um modelo que descreve as diferenças individuais de personalidade, tendo por base nove tipos de pessoas. Oscar Ichazo, no início da década de 50, associou as nove pontas do símbolo aos nove tributos divinos que reflectem a natureza humana, proveniente da tradição cristã.

A actividade é organizada pela "Geração K", um grupo de pós-graduados com idades inferiores a 35 anos.

AGENDA

19.01.2017

ESTREIA DO FILME "SILÊNCIO"

19.01.2017 E 20.01.2017

ÓPERA DE CÂMARA "O CORVO"

21h30 / Teatro Circo de Braga

21.01.2017

CONCERTO DE REIS "CANTAR AO MENINO"

15h30 / Paço dos Duques de Bragança

26.01.2017

TERTÚLIA "ESCOLHER APRENDER - O PAPEL DOS ALUNOS NA APRENDIZAGEM"

18h30 / Casa do Professor



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o Cônego Luís Miguel Rodrigues.

FAMALICÃO ORGANIZA JORNADAS "NÃO HÁ FAMÍLIAS PERFEITAS"

O Centro Pastoral de Sto. Adrião de Vila Nova de Famalicão promove, no dia 4 de Fevereiro, a XII Jornada da Família.

Segundo a organização, o objectivo passa por "valorizar a imperfeição", mas ao mesmo tempo colocarem-se "a caminho para descobrir a melhor maneira de fazer um futuro com famílias". A XII Jornada conta com a presença do professor

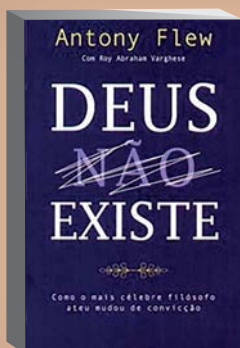
Juan Ambrosio, da Universidade Católica, que irá reflectir com base na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*.

"Assumindo-a como tema da XII Jornada da Família desafiamos as famílias, as comunidades, cada um de nós, a fazer este caminho paciente, belo e fascinante na vida familiar", afirma a organização.

As inscrições já se encontram abertas.



LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



ANTONY FLEW

DEUS NÃO EXISTE

Considerado o principal filósofo dos últimos cem anos, Antony Flew passou mais de cinquenta a defender o ateísmo. No entanto, ao continuar as suas investigações, acabou por rever os seus conceitos. Em "Deus existe", Flew trata das suas origens e crenças iniciais, explicando como e por que passou a acreditar em Deus. A sua obra foi recentemente tema central dos jornais portugueses com Nuno Crato e José Cutileiro a dedicarem as suas crónicas ao filósofo inglês.

PVP
16,65 €

10% *
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 19 a 26 de Janeiro de 2017.



Fale connosco no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt